



Consciências em pauta

TEXTOS DE IÚRI ROST E ANUAR ALIMJANOV

Tradução e nota de BORIS SCHNAIDERMAN

*O texto de Iúri Rost saiu na Litieratúrnaia Gazeta (Moscou, 16/1/1991) numa página com as reações de escritores soviéticos atuais ao massacre em Vilna, ocorrido pouco antes.
O de Anuar Alimjanov, jovem escritor do Cazaquistão, apareceu na seção: "Opinião de um escritor" (Litieratúrnaia Gazeta, Moscou, 9/1/1991).*



Foi em você que eles atiraram

Foi em você que atiraram em Vilna, leitor. Foi você o assassinado em Tbilfssi. E em Baku. E na Tchecoslováquia, em Novotcherkásk, no Afeganistão, na Hungria.

E se ainda não o mataram, não foi porque você se abaixou. Simplesmente, ainda não chegou a sua rajada de metralhadora. Ainda não acabou de crescer o neto de teu vizinho para acabar com você, nem o teu filho, para fazer o vizinho se esvaír em sangue. Mas eles estão crescendo. Estão se desenvolvendo segundo as leis de um mundo duvidoso; executando sem retrucar as ordens dos comandantes de calças com debrum ou sem ele, que enredam os nossos filhos na cumplicidade pelos seus atos, transformando-os de cidadãos em culpados. Os mais velhos também já foram crianças, um dia eles foram arrastados a isto. E agora são eles os preceptores.

Uma sociedade que vive segundo o princípio da liberdade sob fiança não precisa nem de lei, nem de liberdade. Os ideólogos tomam para cúmplices geração após geração. Eles envenenam a consciência desses cúmplices, empurrando-os para o crime e escondendo-os das penas da lei.

Quem foi castigado pelos milhares de mortos no Afeganistão?

Quem foi castigado pelos que tombaram em Tbilfssi?

Quem foi castigado pelo sangue em Baku, Praga, Novotcherkásk, Buda-Peste?

Ninguém!

Quem será castigado pela sangrenta noite de janeiro em Vilna?

Quer dizer, novas crianças e adultos serão empurrados para dentro deste círculo terrível. Quer dizer, dezenas e talvez centenas de milhares de pessoas, de consciência que não foi libertada por um castigo justo, vão se colocar do lado daqueles que sabem de sua participação em ações excusas. Eles estão amarrados entre si pelo perigo comum de serem desmascarados, aliás, condição essencial para uma carreira política bem-sucedida em nossa estrutura social.

Meu Deus! Que estado é este onde, somente depois de fazer um conchavo com a consciência (e sabendo que outros sabem de tua culpa), você pode subir na escala hierárquica?

Deixem de transformar os concidadãos em cúmplices! Escondam as metralhadoras! Saiam da Lituânia, não entrem em Leningrado, Moscou, Kiev, Vorkuta... E você, leitor, olhe para o seu filho. É ele quem vai atirar em você. Não afaste o olhar, afaste a sua mão. Não precisamos nem de mortos, nem de criminosos.

Deixem que ao menos uma geração cresça como pessoas honestas, e elas salvarão o seu país. Cada uma – o seu.

Creio em 1991

Minha geração foi educada desde o nascimento na base dos planos quinquenais, e nós não duvidávamos de que a cada quinquênio ficávamos mais próximos do único objetivo sagrado – o comunismo. Mas o último quinquênio destruiu todas as ilusões, mesmo entre os idealistas mais firmes. Admitamos que os ideais eram mentirosos, mas assim mesmo é difícil a provação: perdeu-se a fé, que nos fazia viver, foi colocada uma cruz em cima dos objetivos para os quais avançávamos.

E eis que nós estamos recebendo mais um ano, o de 1991, numa confusão de sentimentos. Eu não me preocupo muito em encontrar resposta para a pergunta: o que será de nós? Estou certo de que ninguém sabe isto, nem o presidente da URSS, que não conseguiu responder a perguntas semelhantes feitas por deputados do povo no quarto período legislativo.

Mas eu sei seguramente pela História que o ano que entra é, pelo calendário oriental, o ano da Ovelha Branca. Para os antigos egípcios, a ovelha era o símbolo da sabedoria, para os cazaques ela é o símbolo da bondade e da tranqüilidade. No entanto, os criadores de gado sabem: um só lobo pode destruir todo um rebanho, um único bode é capaz de levar todas as ovelhas para o matadouro ou para um abismo...

O bode provocador e o lobo bandido são símbolos absolutamente reais da ameaça nos nossos dias. E nós já estamos ouvindo advertências sobre a proximidade de uma ditadura. Está em curso a destruição das bases espirituais e morais da sociedade. A destruição da ideologia, sobretudo a ideologia dominante, é algo trágico. Estamos à procura de novas estruturas, vendo a salvação ora na soberania, ora na união de estados... Foi por um alto preço que sobrevivemos e nos livramos das peias da ideologia totalitária. E agora temos de juntar novamente as forças e nos livrar das amarras do auto-engano e da mentira. Nossa mentira foi duradoura, insistente, estatal, e é por isso que nos livramos com tanta dificuldade de suas amarras. Parece que nos anos de *perestróika* tomamos consciência da antiga verdade de que um país perde a sua face sadia quando decai a moralidade. E a base da moralidade é o trabalho. Um trabalho livre, honesto e nobre – como é o trabalho do arador ou do criador de gado.

Nestes dias, no Cazaquistão, caiu neve abundante, começou o frio forte. E ao saudar o Ano Novo, eu penso nas centenas de milhares de pastores, que conduzem ovelhas em meio à estepe nevada, e que não conhecem sossego, sono, tepidez. Eles não ouvem os infundáveis debates parlamentares, o que eles querem é lenha, uma peliça mais quente e um pão que não seja dormido. Trabalhando em condições penosas, eles recebem 45 copeques por ovelha, e vivem como viviam os seus antepassados no século que passou. E também os lavradores têm, nessa época, suas preocupações; eles gostariam de reter nos campos o máximo de neve, para que a colheita seja mais rica.

Os aradores e pastores não precisam ser convocados para a paz e a concórdia civis, eles de qualquer modo vivem desde séculos preocupados com todos nós. E quanto maiores forem a bondade e a largueza com que os tratemos, tanto melhor eles viverão e tanto mais digna será nossa própria vida. Eu acredito num futuro em que triunfem as preocupações vitais, o trabalho e o bom senso. Eu creio em 1991, que, pelo calendário oriental, é guardado pela Ovelha Branca – símbolo da sabedoria, da bondade e da tranqüilidade.

